

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): IANA RANY PIMENTA ALVES

O REAL E O FANTÁSTICO NA NOVELA “UMA ESTÓRIA DE AMOR”, DE GUIMARÃES ROSA

Introdução

Este resumo faz uma leitura da novela “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, do autor João Guimarães Rosa, dando enfoque ao estilo de vida conduzido pelo protagonista Manuelzão e a prosa poética narrada pelo Velho Camilo: “O Romanço do Boi Bonito”. Tem como objetivo distinguir a obra em duas fases, sendo elas: o real e o fantástico, e a fim de compreender sua relação com a sociedade.

Material e métodos

Esta pesquisa teve abordagem teórica e bibliográfica, em que foram feitas leituras e análise da novela “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)” de Guimarães Rosa, a partir das seguintes referências: “‘Uma estória de amor’: um diálogo intercultural”, de Doralice Fernandes Xavier Alcoforado e *Introdução à literatura fantástica*, de Tzvetan Todorov. Com base nesse aparato teórico-crítico fizemos um estudo do relato oral de Camilo, intitulado: “Romanço do Boi Bonito”.

Resultados e discussão

“Uma estória de amor”, de Guimarães Rosa, conta a vida de Manuelzão que, após a morte de sua mãe, constrói uma capela em homenagem a ela, realizando seu último desejo. Feito isso, realiza uma festa para a inauguração, convidando os habitantes da Samarra para o festejo. Durante a inauguração da capela, os moradores e também alguns inquilinos festejam bebendo, comendo e cantando. O relato é repleto de temas musicais que levam o leitor a crer que fazem parte da experiência vivenciada pelos próprios habitantes do pequeno povoado. É a tradição oral que dá vitalidade e importância à cultura popular ali representada.

O personagem e protagonista da novela, Manuel Jesus Rodrigues, conhecido popularmente como Manuelzão, é a figura típica de um capataz travestido de patrão, que foi deixado sob as ordens de Federico Freyre (o narrador faz apenas menções ao personagem, visto que sua presença física é encenada no relato), para administrar as terras, lugar paradisíaco: a Samarra.

A novela é resultado da troca de experiências dos habitantes da Samarra, vista como forma de tematizar a cultura popular. Para encontrar a justa composição de Manuelzão, Rosa recorre ao mágico, aliando a estória do personagem central ao “Romanço do Boi Bonito”, um conto poético descrito sob o formato de prosa. Com essa representação podemos dividir a obra entre real e fantástico.

O caso contado pelo Velho Camilo – o “Romanço do Boi Bonito” – é a estória de um Boi indomado, que vaqueiro nenhum se atrevia a colocar no curral. Era um boi ‘branco leite, cor de flor. Não tinha marca de ferro. Chifres de bom parecer’ (ROSA, 2006, p. 230). Certo dia, um vaqueiro que atendia pelo pseudônimo de Menino, montado em um cavalo “assombrado, cavalo que não é possível” (ROSA, 2006, p. 231), domou o Boi Bonito.

Ao mencionarmos o real, nos referimos ao real da ficção, ao momento em que os personagens fazem a troca de experiências a fim de entreter a celebração, momento no qual ‘Rosa apropria-se deliberadamente de formas, temas, procedimentos e princípios geradores da produção, transmissão e recepção do texto oral tradicional’, como afirma Doralice Fernandes (2008, p. 157). Dessa forma, por meio da matéria popular, a obra de Rosa é refletora do mundo social.

Manuelzão, homem pobre e trabalhador, procura ascender através do trabalho honesto. Doralice Fernandes chama a atenção para o fato de que ‘na realidade, a estória de Manuelzão, vai ser um anti-conto sem final feliz]’ (FERNANDES, 2008, p. 158), pois se percebe a problematização perante a velhice e um vago desejo de renovar algo, como o fato de o personagem Manuelzão tem de casar-se e constituir uma verdadeira família. É a partir da estória contada pelo Velho Camilo que o enredo apropria-se da matéria mítica, “Quando tudo era falante” (ROSA, 2006, p. 230).

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Segundo Tzvetan Todorov, “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define, pois, com relação ao real e imaginário” (p. 16). Ao depararmos com uma figura animal e indomável como o Boi Bonito, logo temos uma visão de um ser pertencente à zona rural, mas ao ganhar fala e importante contribuição para o desfecho da novela, Rosa o coloca como um personagem que adota nome próprio, ao começar por letra maiúscula (Boi Bonito), é esta figura falante que irá conferir a estória como uma narrativa que se assemelha a um conto de fadas. Podemos perceber através do diálogo feito entre o vaqueiro Menino e o Boi Bonito, logo após tê-lo vencido: “Levante-te, Boi Bonito,/ô meu mano,/com os chifres que Deus te deu!/Algum dia você já viu,/ô meu mano,/um vaqueiro como eu?” (ROSA, 2006, p.242), e o Boi Bonito respondeu-lhe: “– Te esperei um tempo inteiro,/ô meu mão,/por guardado e destinado./Os chifres que são os meus,/ô meu mão,/nunca foram batizados...” (ROSA, 2006, p. 242). O Boi, que havia sido capturado pelo vaqueiro Menino, demonstra-se conquistado e subordinado a ele. Quando o vaqueiro finalmente revelou seu nome, Seunavino, pediu ao fazendeiro que o boi fosse solto, dando a ele apenas o cavalo. O Romanço contado pelo Velho Camilo responde às expectativas de Manuelzão, pois, após o término do conto, ganhou novas esperanças, visto que a festa da inauguração da capela tinha como objetivo cantar, brincar e, principalmente, segundo reflexão tirada pelo protagonista central, “para depois se lembrar” (ROSA, 2006, p. 245), assim, ele parte com a boiada pelos caminhos do sertão, encerrando a narrativa.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Desta forma, a representação da figura mítica do Boi Bonito corrobora o desfecho da novela, pois completa o que lhe faltava para se tornar um conto de encantamento com final feliz, levando o personagem Manuelzão a refletir sobre a vida e o ambiente que o cerca, pronto para uma largada, tomando as rédeas e conduzindo a boiada pelos caminhos do sertão. Concluímos que o autor conseguiu alcançar engendrar o fantástico na realidade interna do conto. Com base nos estudos feitos e nas análises, poder-se-ia dizer que o real e o fantástico estão presentes na novela “Uma estória de amor (festa de Manuelzão)”, sendo que o real ficcional reflete o mundo social, com base na matéria popular tornada fantástica pela presença do Boi falante.

Agradecimentos

À FAPEMIG, Unimontes pelo apoio e à orientadora Telma Borges da Silva, coordenadora do grupo de pesquisa NONADA.

Referências bibliográficas

ROSA, Guimarães. Uma estória de amor (Festa de Manuelzão). In: _____. **Corpo de Baile**: Volume I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 135-245.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 1981. Disponível em:

< <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf> >. Acesso em: 12 Out. 2016.

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. “Uma estória de amor”: um diálogo intercultural. Disponível em:

< <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/13.%20Uma%20historia%20de%20amor%20um%20dialogo%20intercultural.pdf> >. Acesso em: 17 Out. 2016.

10^{IO}

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Realização:



Apoio:

